

*Discurso na cerimônia de assinatura de decreto de regulamentação do Fundo de Infra-Estrutura de Pesquisa e anúncio de medidas de apoio ao setor*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 26 DE ABRIL DE 2001

*Senhores Ministros aqui presentes; Senhores Parlamentares; Doutor Eduardo Krieger, Presidente da Academia de Ciências; Presidente do CNPq; Presidente da Associação dos Reitores; Senhoras e Senhores,*

Hoje, o Ministro Ronaldo Sardenberg já ocupou, aqui, o meu lugar. E, como sou o último a falar, já falaram tudo o que eu tinha a falar. Falaram até da postura presidencial do Ministro Sardenberg. De modo que não tenho senão que felicitá-los, por termos conseguido chegar a bom termo na organização desse fundo, que já foi aqui explicado.

Esse fundo vai ajudar as universidades. É um fundo de infra-estrutura, que corresponde a 20% dos recursos que estão sendo desembolsados. Nós vamos aumentar, deste ano para o ano que vem, creio que de 800 milhões de reais para 1 bilhão e 200 milhões de reais, os recursos totais. E 20% vão para a infra-estrutura universitária.

Naturalmente, num primeiro momento, haverá uma preferência nos editais, para que as instituições de ensino público federais tenham o maior apoio: 80%, eu creio, desses recursos. Naturalmente, não será sempre nessa proporção, mas, pelas razões já expostas pelo Ministro

Paulo Renato, é importante que haja um apoio decisivo na reconstituição das condições de laboratório e outras condições materiais que ajudam a pesquisa, condicionam a possibilidade de pesquisas no nosso sistema de ensino.

Também, nós estamos com a idéia de que esses fundos sejam geridos de forma bastante inovadora e que haja uma atenção muito grande na destinação dos recursos às várias regiões do país, para que não haja uma concentração de recursos apenas nas duas ou três principais áreas do país, para que haja, realmente, uma difusão maior.

Devo dizer que, ontem, tive o prazer de receber aqui um grupo de pessoas ligadas, basicamente, à rede do genoma e de biociências. Impressionou-me bastante ver como essa rede alcança, efetivamente, o conjunto do Brasil, o que é muito importante.

O Ministro Paulo Renato também se referiu ao esforço que vem sendo feito, para que se dotem as nossas universidades de intercomunicação para que elas tenham acesso aos computadores da Internet. Isso facilita muito, também, essa integração da pesquisa, em nível nacional e em nível internacional. Hoje, já não há mais razão para que os recursos se concentrem onde exista maior densidade de pesquisadores, porque mesmo que um esteja, fisicamente, longe do outro, está próximo, através das redes de comunicação. E isso ajuda muito a possibilidade de uma difusão mais adequada dos mecanismos de pesquisa, no conjunto do país.

Eu não teria muito mais a acrescentar, a não ser dizer aos Senhores que, realmente, nós depositamos uma expectativa muito forte nesses novos fundos, que são de biotecnologia – novos ainda –, saúde, agronegócios e aeronáutica, que estão por ser criados. Nós estamos ampliando as nossas possibilidades, as nossas fontes de recursos.

Acredito que é preciso pensar nessas questões com uma visão de futuro. Essa visão de futuro implica uma integração crescente entre a universidade, a empresa e a sociedade. Mesmo nesses fundos de gestão, nós teremos um representante da Academia de Ciências, outro da SBPC. Haverá, portanto, aqui, pessoas dos Ministérios da Educação e da Cultura, Ministério de Ciência e Tecnologia e um espírito de cooperação que é muito importante nisso tudo.

Temos que entender que esses processos que nós estamos tratando de implementar no Brasil não são de curto prazo. A visão de curto prazo é a visão que gera o aplauso fácil, mas não gera, realmente, uma continuidade, nem gera uma espiral de crescimento.

O Ministro da Educação, Paulo Renato, já colheu frutos – e o Brasil com ele – do esforço que foi feito na área do ensino fundamental e do ensino médio. Também foi alguma coisa que custou muito e que agora estamos pondo em marcha. Naturalmente, os efeitos vão se dar nos próximos anos ou décadas.

Como disse ontem, numa solenidade a que estive presente, nós estamos, pela primeira vez, dando acesso a todas as camadas da população, quer dizer, aos mais pobres, porque os ricos já tinham acesso. E vê-se, com nitidez, nas estatísticas, que é assim.

Agora, nós temos que trabalhar na qualidade desse ensino: do ensino fundamental, do ensino médio, etc. Ainda é muito escassa a participação da nossa população, em termos de ensino superior, embora os dados que o Ministro Paulo Renato mostra indiquem que tenha havido uma expansão, também, do ensino superior. Mas nós ainda estamos nos albores de uma explosão nessa matéria, que haverá. Haverá, porque com o que se está plantando hoje, vai-se colher, amanhã, uma explosão, certamente, de acesso aos vários níveis de ensino no Brasil.

E isso terá efeito sobre, inclusive, a distribuição de renda, porque não há mecanismos mágicos de distribuição de renda. Nem mesmo as revoluções conseguiram. Depois delas, vêm alguns que conseguem controlar partes maiores do bolo. E não há mais a possibilidade desse caminho. O caminho é o caminho da democracia. E a democracia, basicamente, para ter efeito, na distribuição de renda, implica acesso à educação, ao ensino e à pesquisa de boa qualidade.

Mas aqui, no caso específico deste Fundo, nós temos que entender e, talvez, tomar mais consciência de que o Brasil, hoje, já está inserido no contexto internacional em uma posição que não nos permite mais olhar o curto prazo, nem vacilar, porque ou nós damos um passo forte, continuado, na direção do fortalecimento da inovação da ciência, da

pesquisa e da difusão desses conhecimentos ou vamos perder o bonde da História.

Acho que, raramente, o País entrou em um novo século como entrou desta vez, com condições efetivas de se engajar em processos que são de transformação de ordem planetária e de longo alcance. Poucas vezes na História. Mas, para que isso se cumpra, é preciso que haja afincos, continuidade, perseverança e que a visão continue a ser uma visão, não de curto prazo, mas uma visão mais ampla.

É duro tratar de organizar as bases para um crescimento futuro, porque o que estamos vivendo, hoje, estamos todos aflitos para ver o efeito imediato. Mas não há outro jeito. Infelizmente, no nosso caso brasileiro, além do mais, pelas circunstâncias de todos conhecidas, trabalhamos com muitas restrições. No começo, havia a restrição inflacionária, a desordem inflacionária. Depois, as restrições desses zigzagues da política internacional. Não obstante, pusemos de pé o Estado brasileiro, fizemos as opções pelo ensino público, no sentido de ter continuidade e ter expansão, e conseguimos, a despeito de todas as dificuldades, sem falar nas outras dificuldades menores que andam aqui por perto, sem falar dessas, mas falando das que são mais objetivas e que atingem toda a sociedade, conseguimos, efetivamente, criar condições para termos políticas inovadoras, para começarmos a ter recursos e para que possamos, enfim, alcançar aquilo que nós todos desejamos, que é o progresso científico. Mas, mais do que progresso científico, é a capacidade da sociedade de ter consciência dos seus problemas e ter a capacidade, também, de se aproveitar desses progressos científicos.

Espero, Senhores Ministros, Senhores e Senhoras aqui presentes, que, efetivamente, esses recursos fluam e que fluam com uma boa gestão – isso independe do governo – e, ao fluir com uma boa gestão, que eles caiam nas mãos daqueles que realmente contam nessa matéria, que são os pesquisadores.

Muito obrigado.